



Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

03/11/2021

Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão

Amigos:

A propósito da **reunião de lançamento da preparação do Sínodo “Para uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão”**, que terá lugar na nossa Igreja no próximo dia **14 de Novembro, Domingo, às 15h**, e onde vamos fazer uma apresentação sucinta da temática do Sínodo e da forma como nos propomos trabalhá-la na nossa comunidade, não resisto a escrever-vos umas linhas (são sempre um pouco longas, e desta vez exagerei, mas não precisam de ler tudo de uma vez).

Podemos não dar por isso.

Sobretudo quando somos mais novos, os dias sucedem-se iguais (ou pelo menos assim nos parece), vivemo-los quase sem pensar, com as suas rotinas, as pressões e as correrias que as urgências do dia-a-dia impõem, e tudo parece estar na mesma.

Mas a verdade é que o tempo passa.

Entretidos na viagem da vida, nem sempre conseguimos parar.

Para sermos senhores de nós mesmos.

Para dar atenção ao essencial.

Quando tomamos consciência disso, invadem-nos sentimentos contraditórios.

Há sempre a recordação feliz do que construímos.

Mas, de mãos dadas com essas memórias, vem também a sensação de que houve muito tempo desperdiçado, ocasiões perdidas...

E temos pena.

Entregues a nós próprios, olhando o passado com saudosismo, também nos damos conta, muitas vezes, de que há realidades vividas, que na altura tanto nos entusiasmaram, que hoje parecem já não ter o mesmo encanto.

A consciência de que o tempo passa e os sentimentos que se atropelam, seja qual for a idade em que pensemos nisso, é uma grande porta de entrada de Deus na nossa vida.

Foi assim que Jonas foi enviado a pregar o arrependimento em Nínive: “*Daqui a quarenta dias (número simbólico que exprime o sentido de totalidade da vida), Nínive será destruída*”.

Quando olhamos para a nossa vida com fé, à luz de Deus, compreendemo-nos como peregrinos.

Percebemos que o melhor da vida ainda está para vir.

Percebemos logo que não podemos viver virados para o passado, prisioneiros das saudades do que vivemos, mas, pelo contrário, temos de aprender a viver focados no futuro.

Percebemos que a meta, que é o mergulho no coração de Deus, está cada vez mais próxima e que, como dizia São Paulo, “*embora o homem exterior se vá arruinando, o homem interior vai-se renovando de dia para dia*”.

Peregrinos de Deus, somos chamados a crescer para Ele.

E crescer para Deus, é crescer para o Amor.

E isso hoje, na nossa existência terrena, só pode ser feito de uma maneira: através do amor dos irmãos.

Daqui retiram-se duas consequências importantes para a maneira como nos entendemos e entendemos a relação com os outros.

Em primeiro lugar, percebemos que não há outra maneira de caminharmos de verdade senão caminhando juntos, uns com os outros, todos sem exceção.

Abro um parêntesis:

“*Deus não faz acepção de pessoas*”, reconhecia Pedro no início da pregação apostólica.

Dar valor aos outros, prezar muito a relação com os outros, estar disponível e prestável para ajudar quem precisa, procurar ser mesmo amigo dos nossos amigos... isso já é muito bom.

Mas, como dizia Jesus aos seus discípulos, “*não fazem também assim os pagãos?*”

Ser pagão não é mau. É bom. É ser gente, é ser de Deus que a todos criou e a todos ama.

Mas, para quem conhece Jesus Cristo e se deixa entusiasmar por Ele, e quer ser como Ele, é pouco!

Quem faz acepção de pessoas ainda está muito longe de estar em sintonia com Deus.

Com Deus só pode ter “*o sonho missionário de chegar a todos*”!

Fecho o parêntesis.

Porquê caminhar juntos?

Porque tudo que Deus nos quer dar e ensinar (e que só se poderá tornar realidade na nossa vida se nós o quisermos receber) tem um nome: Amor.

E o amor aprende-se vivendo-o.

Nesta nossa existência, não o podemos aprender e viver senão na relação com os outros.

Deus não está disponível para nós de outra maneira.

É por isso que São João nos diz, numa das suas cartas: *“Quem diz que ama a Deus que não vê e não ama o irmão que vê, é mentiroso”*.

Havemos de escutar Deus a segredar-nos os caminhos concretos de vida que Ele sonhou para nós na oração, quando paramos para deixar falar em nós o Espírito que nos habita e que é a nossa luz para entendermos os caminhos da vida que somos chamados a percorrer, é a presença consoladora de Deus que nos anima nos momentos mais difíceis, é a força para caminhar que não nos deixa nunca desistir, e que, quando caímos, nos faz levantar ainda com mais energia...

Mas havemos de escutar Deus sobretudo na partilha da vida com os irmãos que fazem connosco o mesmo caminho de aprendizagem do Amor.

O Espírito que nos habita fala-nos no silêncio da oração, quando Lhe damos mais atenção, mas está sempre a falar-nos, incansavelmente, através dos acontecimentos da vida, particularmente através dos outros com quem vivemos e com quem nos cruzamos.

Quem insiste em fazer caminho sozinho está a escolher um caminho que faz com que lhe seja muito difícil escutar Deus...

A segunda consequência, que a certeza da fé de que Deus nos pôs a caminhar juntos traz consigo, é a de que somos responsáveis pelo caminho (entenda-se crescimento no amor) uns dos outros.

O outro, para nós, não é só uma oportunidade de aprendermos e vivermos o amor.

É também alguém que Deus pôs no nosso caminho para que também ele possa aprender connosco o amor que Deus quer para todos.

Na missa que celebrei ontem, cantámos um cântico que evocava esta frase de São João da Cruz: *“no entardecer desta vida seremos julgados pelo amor”*.

De facto, quando nos apresentarmos diante de Deus, meta da nossa vida, Deus não nos vai perguntar a quantas missas fomos, quantas orações fizemos, quanto tempo dedicámos ao voluntariado, quantas pessoas ajudámos, que grandes obras realizámos...

Vai-nos perguntar apenas: *“Que é feito do teu irmão?”*

Abraço amigo!